

Corpo - Digressões sobre Mitos, Forjas e Modificações¹.

Beatriz Ferreira Pires²

Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo -
EACH/USP

RESUMO

Partindo do princípio que nosso planeta encerra em si determinada quantidade de matéria e que: 1. Toda matéria é passível de ser transformada; 2. Toda matéria já foi outra coisa; 3. Toda matéria é o resultado de determinada combinação de átomos, moléculas e células, podemos pensar que os indivíduos mais jovens são menos humanos que seus antepassados? Se sim, a que ou a quem essa matéria pertencia anteriormente?

PALAVRAS-CHAVE: corpo; pele; *body modification*; temporalidades; *performance*.

CORPO DO TEXTO

Somos, hoje, menos humanos do que, em tempos imemoriais, eram nossos ancestrais?

Tal indagação, feita no início da apresentação do 2Boys.TV. - duo formado pelos performers Stephen Lawson e Aaron Pollard, cujos nomes artísticos são Gigi l'Amour e Pipi Douleur - realizada no 8º Encontro do Instituto Hemispheric: “Cidade / Corpo / Ação: A Política das Paixões nas Américas”³, intitulada “Corda Bamba: um ciclo de canção teatral para os esquecidos” servirá de guia para o percurso aqui traçado.

Fazendo um parêntese, é importante informar que o presente texto é uma versão resumida do capítulo “Digressões sobre Corpos Criados, Reproduzidos, Transmudados”, pertencente ao livro: *Sobre a Pele - Imagens e Metamorfoses do Corpo* (2015).

Nas diferentes culturas a origem do homem está vinculada à transformação, alteração, mutação de determinada matéria ou ser. Por exemplo, para o catolicismo o primeiro ser humano foi criado do barro.

Já o segundo ser humano, conforme o mito cristão da criação, foi engendrado a partir de um pedaço do corpo do primeiro, que em sua constituição mescla matéria orgânica e matéria inorgânica: o osso.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação e Moda), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Professor do Curso de Têxtil e Moda da EACH/USP. e-mail: beatrizferreirapires@usp.br

³ Evento promovido pelo Instituto Hemispheric, SENAC, USP e SP Escola de Teatro, realizado em São Paulo no período de 12 a 19 de janeiro de 2013.

Vários são os mitos de criação do homem e do universo. Cada civilização possui seu próprio mito, sua própria cosmogonia.

Como resultante da utilização e/ou aglomeração de distintas substâncias o ser humano mitológico se configura e passa a existir como consequência direta de metamorfoses que geram a completa mudança da forma, natureza e estrutura das matérias-primas utilizadas para sua confecção.

No plano imaterial, para que esta transmutação ocorra e o objeto criado adquira vida é imprescindível que haja a interferência divina.

No plano material/carnal, o corpo primal, criado a partir da utilização de matérias inumanas, ao receber das divindades a faísca, o sopro de vida, adquire contornos, dimensões, texturas e tonalidades característicos da estética humana, ou seja, a intervenção divina não é imprescindível somente para dar vida à forma inanimada, mas também, para adequar esta forma ao feitio humano.

É somente a partir da interferência divina, e por causa dela, que aquilo que era matéria inumana transforma-se em pele, carne, ossos, músculos, órgãos, cabelos, sangue, cartilagem, etc. O ato criador da vida também o é da aparência física: formas, dimensões, cores, texturas. É através dele que o mesmo material, por exemplo, o barro, transforma-se exteriormente em pele e interiormente em todos os outros elementos físicos que compõem o organismo dos homens.

Diferentemente do corpo criado pelos deuses, os corpos gerados pela reprodução humana já nascem com a configuração física própria da espécie e, portanto, não precisam ser reconfigurados - exceção feita aos que são classificados como anômalos. Tal configuração, embora apresente algumas variações quanto à coloração, textura e dimensão, é decisiva para que estes indivíduos se reconheçam enquanto espécie.

Ações antagônicas, criação e reprodução, no que diz respeito ao corpo humano, apontam, respectivamente, para a esfera do sagrado e do profano. Enquanto o ato de criar compete à divindade - à sua inteligência e poder -, o de reproduzir - ato fisiológico que independe da razão, da faculdade intelectual - cabe aos humanos.

Assim como os mitos cosmogônicos imputam aos deuses a criação da silhueta humana, algumas narrativas ficcionais atribuem ao homem a confecção de corpos semelhantes ao seu. É o caso, por exemplo, dos homúnculos - pequenos seres supostamente criados pelos alquimistas. A ideia da criação desta criatura é creditada a

Paracelso (1493-1541). O homúnculo seria uma criatura, possuidora de contornos humanos, criada artificialmente. O processo que teria início com a deposição de sêmen humano em um balão de vidro de laboratório teria continuidade através de cuidados específicos e da aplicação de técnicas e conhecimentos alquímicos.

Outro exemplo da confecção de corpos feita por humanos são os golens. Originário de lenda judaico-cabalística, o golem é criado do barro através do uso de magia. Essa criatura, proveniente da mesma matéria-prima que originou Adão não possuiria o dom da fala e teria a função de servir e proteger seu criador. Para que o golem ganhasse a vida, seu criador deveria escrever em sua testa, em hebraico, a palavra “vida”. Para que deixasse de viver a palavra “morte”.

A sobreposição ou a introdução no corpo, através de adornos, pinturas corporais, tatuagens, etc., de elementos pertencentes a outras ordens, como palavras e desenhos, ou a outros seres - animais, vegetais, minerais -, como penas, peles, pedras, etc., é, desde sociedades remotas e tempos longínquos, realizada com finalidades mágicas e sagradas.

Vestir-se ou adornar-se com tais elementos possibilita, aos iniciados nesses dogmas, potencializar capacidades e aptidões inatas e/ou adquirir características, qualidades e faculdades próprias dos seres aos quais estas, originalmente, pertencem.

Exemplificando de forma resumida, o indivíduo que obtém, seja por conquista, seja por dádiva, a pele de uma serpente, adquire com ela os dons constitutivos deste animal, cuja característica essencial é o poder de transmutação. Tal poder é simbolizado pela periódica troca de pele desse animal que ocorre quando de seu crescimento.

Intrínseca a esta maneira de portar-se está a ideia de que toda parte desmembrada de uma unidade conserva em si os atributos, qualidades, capacidades e potencialidades do todo. Adquirir tais partes seria, assim, uma forma do indivíduo transpor sua singularidade e adensar-se. Nestes casos, tais adensamentos, embora ocorram na esfera imaterial, são propiciados por elementos pertencentes à esfera material.

Desta forma, cada nova parte, pertencente a um ser ou objeto material, acrescenta, ao indivíduo que a recebe, uma nova espessura, uma nova camada proveniente, por sua vez, do universo imaterial. O efeito deste acréscimo tanto pode ser temporário, é o caso, por exemplo, dos acréscimos feitos através da técnica de pintura corporal utilizada em determinadas cerimônias sagradas, como definitivos, é o caso, por exemplo, dos acréscimos provenientes de marcas corporais adquiridas pelas técnicas de tatuagem, etc.

Modificações corporais pertencentes à categoria de marcas complementares - que estão vinculadas à função de potencializar os dons inatos -, conectam os indivíduos que as portam ao todo e lhes proporcionam uma sensação de inteireza. A principal diferença entre as duas práticas é que, enquanto as marcas complementares são, por assim dizer, definitivas, o ato de vestir-se e/ou de adornar-se não o é.

Situado no meio de dois polos opostos, seja em relação ao conceito de tempo linear - passado e futuro -, seja em relação à cultura e à valoração da forma de adquirir conhecimento - tradição e inovação - a aquisição de modificações corporais tanto pode ser inspirada em mitos, rituais e práticas ancestrais, como em obras de ficção científica.

Fazendo um parêntese, para as sociedades arcaicas, os mitos não ocupam apenas a categoria de histórias verdadeiras, mas também a de histórias sagradas, fundadoras da totalidade das coisas e dos seres.

Eliade (2000) nos coloca diante de diferentes compreensões e formas de vivenciar o tempo, esse ininterrupto de acontecimentos que cria em nós a noção de ordenamento e de continuidade. Dentre os tempos, por ele apontados, estão o “Grande Tempo” - tempo sagrado, primordial - e o “tempo profano” - secular, cotidiano.

Atividades vinculadas aos territórios artísticos criam lacunas temporais. Os envolvidos nessas atividades destacam-se do tempo profano e aproximam-se, sem necessariamente atingir, do tempo sagrado. Estas ações subtraem o indivíduo do habitual e o remetem a uma dimensão na qual o conhecido, e o costumeiro não habitam.

Voltando às performances, é importante ressaltar que nem todas possuem características que pertençam à esfera mítica, da magia ou do sagrado, mas que todo ritual mágico ou sagrado possui características pertencentes à esfera da performance.

O caráter de efemeridade das performances, apontado anteriormente, faz com que as mesmas tenham uma determinada duração temporal. Afora o tempo pré-estabelecido da cena, ressaltamos outra espécie de efemeridade que diz respeito diretamente ao objeto foco de nosso interesse: o corpo. Nas performances que envolvem interferências corporais realizadas através de práticas invasivas como incisões, perfurações, etc. não há, necessariamente, por parte do performer que as recebe a intenção de que as mesmas permaneçam em seu corpo para além do processo natural de cicatrização.

Diferentemente da situação descrita acima, quando o performer é adepto das práticas de modificação corporal, seu corpo exhibe marcas que tanto podem ter sido

adquiridas durante a realização de performances anteriores, como em manipulações pertencentes a outras ordens, como, por exemplo, os rituais de passagem que, conforme as sociedades ancestrais, devem atender a quatro preceitos: 1. Ser uma coisa física. 2. Causar dor. 3. Verter sangue, ou pelo menos deixar o organismo a ponto de fazê-lo. 4. Deixar uma marca. É esta marca que lembrará seu portador de sua nova condição.

Como objeto causador de estranhamento, para além das interferências bi e tridimensionais de cor, forma, textura e desenho, o corpo suporte de alterações - que ultrapassa os limites territoriais e temporais da cena estética/performativa, invade o ambiente destinado às ações corriqueiras do dia a dia e se apresenta ao olhar, não mais de espectadores, mas, sim, de transeuntes - coloca em foco a faculdade da arte de estender os limites cognitivos e perceptivos do observador.

Corpos modificados se apresentam como mescla de seres. Amalgamas de humano com substâncias outras que variam de simples pigmentos, utilizados em pinturas corporais ou tatuagens, a objetos tridimensionais feitos de teflon, aço cirúrgico, etc. Esses objetos tanto podem estar total ou parcialmente implantados no corpo, como podem transpassá-lo de forma permanente ou temporária.

Na performance descrita a seguir, realizada por Elton Panamby e Filipe Espíndola, em ocasião da defesa de mestrado de Elton junto ao programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UERJ, a ele foram atadas penas de urubu.

Ave de rapina, comumente encontrado em áreas urbanas, o urubu se alimenta de carne em estado de putrefação e, ao fazê-lo, converte morte em vida. Por desempenhar tal ação e exercer as funções de purificação, regeneração e saneamento, é associado ao fogo celeste. Este, também, relacionado simbolicamente a tais funções.

De tal aproximação - urubu, fogo celeste – nascem várias lendas indígenas na América do Sul. Entre elas a dos índios Kuikuru, descrita pelos irmãos Villas Boas e resgatada por Elton quando da elaboração da performance.

Resumidamente, os índios kuikuru não tinham fogo. Para obtê-lo, o herói demiurgo Kanassa arma uma cilada para capturar aquele que é seu guardião: o urubu-rei.

Do urubu, para apropriar-se do todo, Elton elegeu as penas. Possuidoras de vários significados simbólicos, conforme Chevalier e Gheerbrant, para o xamanismo estão associadas aos rituais de ascensão. (Chevalier e Gheerbrant, 2002:724-25).

Todo e parte, respectivamente urubu e pena, atuam como fornecedores simbólicos da obra apresentada, na qual o humano se transmuta em ave.

Para que a transfiguração ocorra, Filipe insere as penas/agulhas na pele de Elton, superfície que até então o delimitava e o separava do todo. Perfuradas, epiderme, derme e hipoderme abrigam em si o que antes pertencia à categoria de inumano.

Completando a transformação quatro longas agulhas formam inseridas nos lábios deste que, neste momento, já não pertencia unicamente à espécie na qual foi gerado.

Híbrido de humano, Elton começou a se movimentar, o bater de seus braços/ asas revolveu o tempo e deslocou os presentes para regiões há muito deixadas para trás.

Como seres migratórios e nômades, vagamos pelas lacunas por ele abertas. Tornamo-nos cavos, ocos, insólitos. Percorremos e fomos percorridos por espaços abissais. Imergimos no tempo da criação.

Duas a duas as penas foram por Elton retiradas da própria pele. Redemoinho. Turbilhão. Voragem. Híbrido de pássaro, Elton começou a se aquietar e lentamente retornou à sua materialidade humana. Seu apaziguamento, delineado em seu corpo por pequenos orifícios e irregulares filetes de sangue, nos faz emergir do tempo/ espaço ancestral para o qual fomos anteriormente levados.

Na cerimônia aqui descrita, o que se propôs performance tornou-se ritual.

Para encerrar, considerando a questão levantada no início deste texto referente à apresentação do 2Boys.TV., o corpo transmudado de Elton, duas vezes menos humano - a primeira por ser contemporâneo, a segunda por mesclar à sua substância corpórea matérias inumanas -, seu gestual e suas expressões propiciaram a submersão em tempos ancestrais nos quais seríamos materialmente mais humanos, justamente, por não possuímos muitos elementos inumanos misturados à nossa matéria.

Referências

- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- COHEN, R. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ELIADE, M. **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PIRES, B. F. **O Corpo como Suporte da Arte**. São Paulo: SENAC, 2005.
- PIRES, B. F. “Digressões sobre Corpos Criados, Reproduzidos, Transmudados” in: MARQUETTI F. R. e FUNARI P.P.A. **Sobre a Pele - Imagens e Metamorfoses do Corpo**. São Paulo: Intermeios, 2015, pp. 209-222.